



RELATO DE EXPERIÊNCIA*

QUANDO TUDO COMEÇOU: UMA JUSTIFICATIVA DE UM PENSAR E REPENSAR NA PRÁTICA EM SALA DE AULA

Lílian sussuarana Pereira¹

Resumo:

Os povos indígenas, os primeiros habitantes do Brasil, juntamente com o seu acervo de valores, tradições, conhecimentos, modos e costumes representam parte de nossa cultura brasileira. E isso se deve ao processo de colonização advindo da abrupta chegada dos portugueses ao país. Conhecer, entender, estudar e aprofundar nossos conhecimentos a esse respeito é essencial para entendermos a construção identitária de nossa sociedade brasileira. Entretanto, o que muito se percebe nas escolas, que abarcam o Ensino Fundamental é que toda essa cultura por vezes é trabalhada de maneira mecanicista, para atender apenas uma orientação curricular. Muito se deixa de ser feito, face a importância desta que é responsável por toda uma formação de nossa sociedade, quer seja com seus costumes, quer seja como construção identitária de um povo.

Palavras-chaves:

Historicidade da cultura indígena – construção identitária

¹ Professora da Escola Municipal Frei Demétrio Zanqueta, na disciplina de Língua Portuguesa

* PRODUZIDO NO ÂMBITO DO CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES EM HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA – 2^a ED. REALIZADO PELO GRUPO DE TRABALHO EM HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENAS DA ANPUH-GO E UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. DE 12 DE FEVEREIRO A 09 DE ABRIL DE 2022.



Do conceito: A importância da CULTURA INDÍGENA

E no meio do caminho encontrei um quadrinho

Para entendermos o processo de construção da identidade nacional brasileira é essencial estudarmos a **cultura indígena**. E para isso nos lançaremos um pouquinho em um universo que envolve elementos da dança, festas populares, culinária e, principalmente, na língua portuguesa falada no **Brasil**, que é fruto do processo de difusão cultural entre povos **indígenas**, negros e europeus.

Objetivo:

Estudar sobre a cultura indígena é uma forma de observar vários povos com suas especificidades, suas tradições e costumes. Entretanto, é muito comum que, ao falar sobre os indígenas, os alunos de Ensino Fundamental ainda não tenham conhecimento amplo nessa área. E por isso se faz necessário fazer uma explanação, desde da chegada dos portugueses ao Brasil para chegarmos no processo de acultramento de nosso país.

Público –alvo:

Ano (s): 4º ano

Faixa etária: 09/10 anos

Público ou privado: público

Número de alunos: 35 alunos

Componentes curriculares: Língua Portuguesa

Componente curricular:

Língua Portuguesa

Quando tudo começou: uma justificativa de um pensar e repensar na prática em sala de aula

O trabalho com a cultura indígena nem sempre é fácil. Principalmente quando se vem de um período marcado pela Pandemia do Covid 19. Incitar o desenvolvimento de ampliação



de conhecimento em torno dos principais costumes dos índios brasileiros, por vezes necessita de uma parceria e como diria uma parceria de peso.

Sou professora de Língua Portuguesa, atuando em diferentes esferas do conhecimento, lecionando para turmas de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Sempre busquei parceria na elaboração e na concretização de trabalhos, quer sejam solidificados na prática de escrita (poemas, memórias literárias, crônicas, documentário e artigo de opinião, dentre outros), quer sejam na prática oral (declamação de poesias, teatro, leituras expressivas do texto).

E esse ano não foi diferente. Após vários momentos inerentes à docência fui “escalada” para o acompanhamento, desenvolvimento e execução, do projeto desenvolvido pela professora Edinair Teles, denominado: Construções Matemáticas. Com a prática em sala de aula, aos poucos fomos delineando o projeto Construções Matemáticas ao meu projeto Construção Textual: da palavra ao texto. A grande parceria nasceria ali. E certamente uma parceria de peso. E como uma pedra no caminho, uma redistribuição das aulas comprometeu o desenvolvimento desse trabalho em unicidade.

As aulas individualizadas vieram e com elas tive que novamente rever o desenvolvimento do trabalho, segmentando e repensando aquilo que havia sido idealizado. Tudo que tinha sido fomentado deveria passar, por uma nova repaginada, para que de fato pudesse ser desenvolvido e concluído.

Uma nova fase: A prática em sala de aula

A primeira aula veio e com ela uma explanação sobre os índios brasileiros. Os alunos ficaram eufóricos com esse primeiro contato, se é que assim posso dizer, com uma cultura tão rica. Semanas eu já havia trazido para eles alguns poemas contemplando a cultura indígena, dentre eles o poema: E eles eram assim produzido, trabalhado e declamado pela professora Edinair Teles.

Da euforia, nasciam as dúvidas, os anseios e o desejo de querer conhecer um pouquinho mais de uma cultura tão essencial para entendimento de como se formou a cultura brasileira. Alguns questionamentos passaram a aparecer: por que professora Lílian temos tão pouco



contato com a cultura indígena? Onde vivem os índios hoje? O que foi feito das terras e das riquezas que lhes pertenciam, e a língua natural deles o que aconteceu com ela?

Nesse momento me deparei no quão carente é o ensino da cultura indígena nas escolas e no descaso em ensinar aos estudantes em seu processo de formação cultural tamanho patrimônio histórico, que são os povos indígenas. Novos anseios surgiram, incertezas apareciam e claro expectativas de poder conciliar o componente curricular aliado a historicidade destes povos.

Demos início aos estudos referentes a essa cultura: local em que habitavam, costumes, crenças, tradições, alimentação, vestimentas e língua que falavam. Os questionamentos surgiam, as trocas de ideias apareciam. Envoltos de novas informações, os alunos se lançaram à criação. Enquanto se apropriavam de uma licença poética, eis que um aluno se posiciona dizendo: professora Lilian não quero escrever sobre aquilo que não conheço. De súbito lhe respondi: Então que tal escrever sobre essa sua inquietude? Escreva sobre esse seu desconhecer dos povos indígenas. E assim surgiu o poema. “Os índios”.

As criações apareciam. Algumas bonitas, mas outras lindas, algumas com rimas, outros com pouca melodia. Entre muitos olhares perdidos pensando naquilo que se iria escrever, outros olhares atentos compenetrados na execução do trabalho. Envergonhado um aluno me pediu uma folha em branco, na ocasião lembrou-me de que estávamos estudando o gênero textual tirinhas e histórias em quadrinhos e perguntou se poderia fazer uma, pois não sabia escrever. E ele o fez incrivelmente. Construiu toda uma história de um povo em apenas quatro quadrinhos. Outras crianças em seu processo de aquisição da escrita, também tomaram de seus dotes de ilustrar como forma de se expressar e assim o fizeram sistematizando a sua sequência narrativa sobre o estudo da historicidade dos povos indígenas, concluindo assim a etapa de execução de suas respectivas aprendizagens.

Conclusão

Tão grata foi a surpresa de perceber, que a inicial dificuldade tornara-se um pontapé inicial para o desenvolvimento do trabalho. E assim foi dado a cada um deles e claro, cada um



à sua maneira, um lugar de fala. Um lugar de se posicionarem criticamente e reflexivamente, tornando-se protagonistas do seu processo de desenvolvimento da escrita.

A sensação de desenvolver esse trabalho certamente ficou marcada em minha vida. Ver que dos olhares perdidos muitas criações foram aparecendo foi lindo. Poder contemplar com um outro olhar tamanha riqueza cultural e ressignificar a cultura desses povos dando uma nova dimensão e entendimento daqueles a quem devemos nosso acervo cultural, daqueles a quem devemos parte da nossa construção identitária, certamente foi uma maneira de ver que independente daquilo a que devemos cumprir dentro de sala, se faz necessário valorizar àqueles a quem devemos a nossa construção identitária.

Referências Bibliográficas

- CARNEIRO DE LIMA, Sélvia. SOARES dos SANTOS BICALHO, Poliene. Literatura indígena contemporânea no Brasil. Inhumas
- CAVALCANTE ALMEIDA, Antonio. Aspectos das políticas indigenistas no Brasil. Campo Grande.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (org). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras 1992. _____. Os direitos do índio. Brasiliense: São Paulo: 1987.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. Drummond: o gauche no tempo. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. SANTIAGO, Silviano. Introdução à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.